

Da burocracia e outros demónios

Todos nos lembramos de, em criança, nos contarem histórias terríficas — nas noites de Inverno à volta da lareira — de fantasmas, mortos-vivos, almas penadas e monstros nefandos. A mim, essas histórias não diziam nada: na altura não ligava muito ao que se passava na política. As que me provocavam verdadeiramente horror eram as histórias de repartições públicas, especialmente de finanças. Destas recordo, com especial insónia, a do Sétimo Bairro Fiscal, bem perto da casa dos meus pais.

Contaram-me — e juravam ser verdade — que muitos papéis que lá entraram nunca mais saíram. Lembro-me especialmente bem da história duma certidão que foi brutalmente carimbada para, no final, ser amarrotada e, horror, despejada num balde de lixo por baixo de uma secretária obsoleta. Uma certidão que nem sequer tinha feito dezassete anos.

De resto, uma pessoa comum, sem treino militar específico, quando atacada pela burocracia, tem muito poucas possibilidades de sobreviver. Mesmo que ande com crucifixos e estacas de madeira.

Um amigo de um amigo (não vou dizer nomes) entrou um dia num desses edifícios para pedir uma certidão. À sua frente surgiu um homem fabuloso — que poderia ser um mito grego — com aqueles óculos de massa que caracterizam todos os mitos clássicos, um metro e sessenta de altura, calvo e de camisa aos quadrados. O amigo do meu amigo disse-lhe com uma coragem de pedra vulcânica: — Queria uma certid...

O outro interrompeu-o com a sua voz de abismo, helénica, naquele tom de quem pede desculpa: — É muito simples: tem de me trazer uma cópia do seu cartão de cidadão assinada e autenticada em notário, um ganso-patola-de-patas-azuis autografado por Darwin e o seu cartão de eleitor.

Ainda acresce trazer uma prova inequívoca da existência de Deus sem qualquer referência a São Tomás de Aquino, bem como uma declaração de impostos do ano transacto e um elefante indiano. Evidentemente, todos os papéis deverão ser verdes.

O amigo do meu amigo ficou lívido percebendo que ali, mesmo à sua frente, encontrava-se o absurdo da existência. E quem diria que o absurdo da existência usava camisa aos quadrados e óculos de massa?

O amigo do meu amigo perguntou:

— Como verdes? A Esfnge teve dó:

— Calma — disse ele, jocoso, enquanto o amigo do meu amigo recuperava as cores —, estava a brincar. Os papéis não têm de ser verdes. Podem ser brancos desde que assinados pelo segundo rei da primeira dinastia sueca.

Eu próprio entrei nessa mesma repartição num dia de coragem. O prédio ca numa rua paralela à antiga casa dos meus pais, entre o período Câmbrico e o Paleolítico Superior, mesmo numa esquina. Lá dentro, junto a um balcão é possível ver vários fósseis da era Neoproterozóica, entre eles uma máquina de escrever e um ábaco assírio. Também existem raridades de períodos mais recentes: o elo perdido do darwinismo, por exemplo, está no gabinete à esquerda de quem entra. Felizmente evita atender ao balcão.

A fila era grande, mas eu tinha uma vida inteira pela frente (de qualquer modo levava comigo os papéis para a reforma, não fosse aquilo prolongar-se mais do que esperava). Quando, enfim, chegou a minha vez, respirei fundo e dirigi-me a um funcionário que me lançou um olhar tão burocrático que quase lhe estendi o meu cartão de contribuinte e uma requisição do médico antes que ele me pe- disse qualquer coisa. Senti o horror no corpo. Ele inter- pelou-me despejando um rol de coisas necessárias e eu reagi sem temperança, mas em legítima defesa:

— Vocês representam o que de pior há na sociedade, seus burocratas! — gritei.

— Mentira! Nós aqui nunca representamos. Somos genuínos — contra-atacou ele, calmamente, com o seu porte de dossier dos anos setenta. — Não passam de uma invenção de Kafka — continuei, ameaçando-o com o meu colar de alhos. — Um produto do Império Austro-Húngaro. — Ha, ha, ha! — riu o monstro. — Isso é uma superstição tola que pretende colmatar a ignorância humana, uma teoria infantil que aspira explicar todas aquelas coisas que a humanidade não entende. Kafka nem sequer é considerado um dos nossos profetas. A verdade é que a primeira repartição nasceu em Minos, foi uma criação de Dédalo. Julgava, a senhora, que o labirinto de Creta tinha voltas sobre voltas, voltas e mais voltas, julgava que era uma coisa imensa em forma de intestinos? Não seja ridícula. Eram apenas alguns arquivos, carimbos e um balcão. Veja a genialidade dos gregos antigos! Um labirinto com menos de vinte metros quadrados e apenas um funcionário.

O homem calou-se enquanto fingia arquivar uma folha. Depois olhou-me com a sua voz tímida e vociferou com aqueles olhos de tempo perdido:

— Somos engraçados.

— Como assim? — É o que as pessoas nos dizem quando, educadamente, referimos a necessidade primária de adquirir certo papel-para-ter-outro-papel-que-por-sua-vez-precisa-de-outro-papel-e-respectivo-selo (e isto ad infinitum). Dizem as pessoas, ao ouvir isto, que somos uma anedota. Nós, cara senhora, fazemos rir. Temos sentido de humor.

— Isso só pode ser piada.

— Viu?

(Agnese Guzman, Comédias Modernas)